

A Máfia de Havana



Luis Grave de Peralta Morell

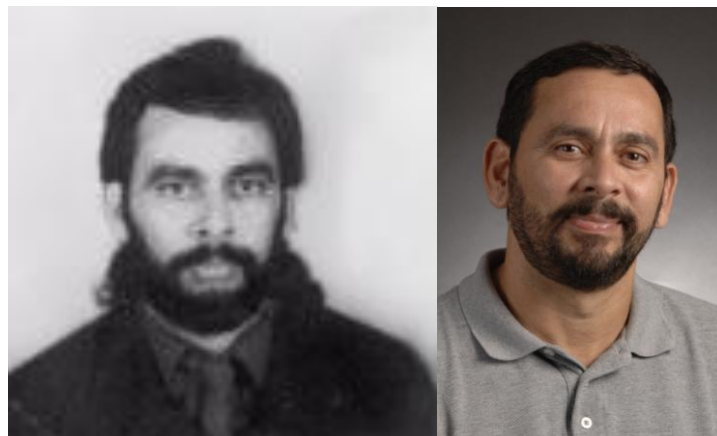
Tradução: ***Graça Salgueiro***

Sobre o autor

Nascido em novembro de 1957, na cidade de Holguín, Luis Grave de Peralta Morell foi presidente da oficialista **Federação Estudantil Universitária** na Faculdade de Física-Química-Matemática da Universidade de Oriente, onde graduou-se em Licenciatura em Física em 1982. Foi professor de Física Teórica e Biofísica nesta universidade até 1989, quando foi expulso de sua cátedra, devido a ter solicitado sua baixa voluntária do **Partido Comunista de Cuba**. Em 1992 foi detido, acusado de "rebelião por meios pacíficos", por ser o autor do livro-manuscrito **Temas Cubanos ou Dialética Recreativa** e condenado a treze anos de encarceramento. Após cumprir quatro anos de sua condenação, em 1996, foi deportado diretamente do cárcere para os Estados Unidos em um avião da força aérea daquele país.

No desterro se reincorporou à ciência, e em 2000 obteve o PhD em Engenharia Elétrica no Texas Tech University. Em 1997 foi publicado no México seu livro **La Magia del Cariño**, uma coleção de contos curtos escritos no cárcere para seus filhos, e que Luis decidiu torná-los públicos como parte de seus contínuos esforços, durante mais de cinco anos, para conseguir a reunificação de sua família que o governo cubano impedia.

Atualmente Luis vive em Lubbock, Texas, junto à sua finalmente reunificada família.



© 2001 Luis Grave de Peralta Morell.

Prólogo do autor

Como todo mundo sabe, os cubanos somos o umbigo do mundo. É certo que vivemos em uma pequena ilha, porém como disse Cristóvão Colombo, Cuba é a terra mais *formosa* que olhos humanos jamais viram. Somos o centro do mundo e o centro não necessita ser maior do que o que gira ao seu redor. Sendo nós o povo eleito por nós mesmos e vivendo na Pérola das Antilhas, não é de se estranhar que os espanhóis, os gringos, os russos, e até os ingleses, tenham tratado, cada qual em seu momento, de ficar com nossa querida ilha.

Os cubanos somos só uns quantos milhões, porém temos dado ao mundo o melhor do melhor. Os russos têm muito bons enxadristas, porém o melhor enxadrista de todos os tempos foi o cubano José Raúl Capablanca. Digam o que disserem os gringos, foi o médico cubano Carlos J. Finlay quem descobriu que eram os mosquitos os transmissores da febre amarela; e se é verdade que os espanhóis deram ao mundo grandes escritores e poetas, há que se selecionar um modelo de escritor e poeta comprometido com seu tempo: esse é nosso apóstolo José Martí.

Os cubanos não ficamos atrás em nada. É certo que foram os italianos que inventaram a máfia e que os gringos os superaram durante a época de Al Capone; é certo, também, que os colombianos deram ao mundo Pablo Escobar, o czar da coca, porém os cubanos demos ao mundo a novidade de uma máfia que tomou o controle de todo o país.

Do povo alemão saiu um líder da estatura de Hitler. Os russos produziram Stálin, os chineses Mao e os cambojanos engendraram Pol Pot. Nós tivemos Fidel Castro. A História não deu ao capo cubano a oportunidade de ter que tomar decisões que implicassem na morte de milhões de seres humanos como seus colegas russo, chinês e alemão fizeram; porém, ele demonstrou ser um tipo tão duro como qualquer deles quando, durante a Crise dos Mísseis em 1962, pediu a Nikita Krushev para lançar um ataque nuclear contra os Estados Unidos.

Fidel Castro, como todos nós, foi um sujeito inteligente. Seu reino foi pequeno porque Cuba não é um gigante como a Rússia ou a China, porém ele teve a humildade que não teve o líder cambojano e se conformou em mandar matar umas quantas dezenas de milhares de cubanos, e foi o suficientemente sábio para não fazê-lo de uma maneira tão primitiva como o fez Pol Pot. Nem sequer o ilustre casal de espertalhões latino-americanos, formado pelo peruano-japonês

Fujimori e seu assessor de segurança Montesinos, podem competir com a engenhosidade do famoso capo da nossa ***cosa nostra***.

Fujimori deu um jeito para ser o primeiro presidente japonês do Peru e Montesinos se deu o prazer, filmando todos os que subornou com as mãos na massa, porém, nem Fujimori nem Montesinos souberam dar um jeito para passar mais de 40 anos roubando e enganando a todo mundo, como fizeram nossos patifes.

Este breve livro trata das coisas e dos casos da nossa ***cosa nostra***. Para celebrar e exaltar a Máfia de Havana se escreve este livro, para que ninguém duvide da engenhosidade dos cubanos. Para educar as novas gerações de cubanos, para que nunca esqueçamos que nós, os cubanos, somos o umbigo do mundo.

O Autor.



Os nossos

Hollywood, a meca do cinema americano, glorificou os tipos durões da máfia gringa da época da lei seca. As pessoas sentem uma curiosidade mórbida, e até admiração, por esses indivíduos duros capazes de imporem-se sem contemplação a todos os seus adversários. Não importa que os gângsteres sejam gente violenta e à margem da lei; é precisamente isso o que as pessoas mais admiram. As pessoas querem saber a história da máfia e Hollywood, em películas como *O Padrinho*, deu às pessoas o que as pessoas querem. E os gringos sentem-se orgulhosos de seus heróis mafiosos, e os italianos desfrutam das proezas de sua *cosa nostra*, e os colombianos sentem-se orgulhosos da lenda de Pablo Escobar. Pois bem, já é hora de os cubanos nos darmos à tarefa de exaltar aos nossos.

A história da ***cosa nostra*** cubana está cheia de episódios dignos de serem levados à tela grande. Talvez um bom começo para uma película seja a reconstrução cinematográfica dos primeiros tempos de Fidel Castro na Universidade de Havana. Nessa época a Universidade de Havana gozava, como a grande maioria das universidades latino-americanas, de autonomia universitária. Dois presidentes cubanos da geração de 30, Ramón Grau San Martín e Carlos Prío Socarrás, iniciaram-se na vida política cubana ligados ao movimento estudantil universitário. Em finais dos anos 40, quando o jovem Fidel Castro ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Havana, vários grupos estudantis disputavam o controle da representação dos estudantes universitários.

Decidido a não ser um João ninguém, o filho do fazendeiro oriental se postulou como dirigente estudantil da Faculdade de Direito, coisa que não foi vista com bons olhos por certo bando estudantil que exigiu do estudante novato a abandonar suas pretensões. Porém, aquele jovem, acostumado desde menino a impôr sua vontade aos peões de seu pai, tomou a decisão que marcaria toda a sua vida: desde então passou a entrar no recinto universitário portando uma pistola. Assim são os sujeitos durões: não pedem, tomam à ponta da pistola o que lhes corresponde.

Raúl Menéndez Tomassevich, um dos mais famosos chefes militares da ***cosa nostra*** cubana, pertence ao anedotário *heróico* dos presos comuns do cárcere de Boniato em Santiago de Cuba. Tomassevich e seu amigo, um famoso criminoso conhecido por *Perro Chulo* (Cão Vadio), protagonizaram uma espetacular fuga da penitenciária e foram refugiar-se aonde a mão da polícia não podia alcançá-los... em Sierra Maestra. Tomassevich sempre foi um sujeito durão, o foi entre os presos comuns do cárcere de Boniato e

continuou sendo durante suas aventuras militares no comando de tropas cubanas na África.

O chefe do Movimento 26 de Julho para a luta clandestina nas cidades, Frank Pais, morreu crivado de balas pela polícia batistiana. Frank era um jovem religioso, porém não um beatão religioso desses que quando lhe dão uma bofetada em uma face, põem a outra para que se lhe esmaguem também; nada disso. Nosso Frank era um sujeito durão. Em uma ocasião, bem no início do uso do terrorismo como arma de luta contra Batista, depois de a polícia política batistiana ter assassinado um dos membros do bando de Frank Pais, este rebateu vigorosamente como só os durões sabem fazer: Frank deu a ordem de sair à rua e matar o primeiro policial que encontrassem, fosse quem fosse, e assim o fizeram. Frank Pais dirigiu a vendetta pessoalmente; subiram num carro, saíram à rua e balearam o primeiro policial a pé que encontraram.

Se não tivesse sido pelo frouxo Nikita Krushev, que era o chefe dos russos quando da Crise do Caribe, em outubro de 1962, o mundo teria sabido que Fidel Castro é o sujeito mais durão que a história já produziu. Quando a coisa estava bem quente, com os navios de guerra gringos rodeando a nossa ilhazinha para evitar que os navios russos entrassem com mais tropas em Cuba, e estando Cuba cheinha de mísseis com ogivas nucleares apontando para o território dos Estados Unidos, Castro escreveu a tão famosa carta a Nikita Krushev, pedindo-lhe que não vacilasse em lançar um ataque nuclear contra os gringos. Assim são os sujeitos durões de verdade. A reação de Nikita Krushev à carta de Fidel Castro demonstra claramente que o líder russo deu-se conta de com quem elas tinham a ver e que lhe faltava peito para lidar com o capo de nossa ***cosa nostra***.

Em tempos difíceis, um sujeito durão tem que ser capaz de tomar decisões extremas. Ante o perigo tremendo de que os gringos se metessem à força em seus assuntos, Fidel Castro não vacilou em tratar de aniquilar a todos os seus inimigos, ainda que a maneira de conseguí-lo implicasse na morte para todos os seus seguidores e ainda a sua própria morte. É claro que se estava arriscando sua própria vida não havia lugar para amenidades, como a possível morte de milhões de infelizes, ou o total extermínio da humanidade, produto de uma guerra nuclear.

Nikita Krushev desnudou sua própria debilidade quando imediatamente depois de receber a carta, decidiu contactar pessoalmente o presidente gringo, John F. Kennedy, e retirar os foguetes nucleares de Cuba. Sua carta-resposta a Fidel Castro, dizendo que os russos lutavam por obter melhoras para a humanidade, porém não para exterminá-la, confirma sua debilidade. Pouco tempo depois Nikita Krushev foi destituído pelos russos e

Kennedy foi assassinado não se sabe por quem, ficando o capo de nossa **cosa nostra** como o único vencedor, graças ao merecido prestígio de símbolo de coragem que ganhou nessa escaramuça nuclear.

www.havanamafia.com



Coragem, valor... e habilidade

Muitos detratores da nossa ***cosa nostra*** têm tratado infrutuosamente de negar a valentia pessoal de seus membros. Àquele que carece de coragem pessoal, é muito difícil reconhecer que outros tenham o que a ele lhe falta.

Alguns, contra toda a evidência histórica, atrevem-se a dizer que a melhor prova de que Fidel Castro foi um covarde, é que nunca saiu ferido em combate. Esses confundem sua boa sorte e habilidade para driblar com êxito pessoal as mais difíceis situações, com a falta de valor.

É certo que Fidel Castro retirou-se precipitadamente quando se deu conta de que não poderiam tomar com êxito o Quartel Moncada, porém isso só demonstra que ele não era um suicida. O melhor soldado não é o que morre por sua causa, mas o que faz com que seus inimigos morram pela sua. Os assaltantes ao Quartel Moncada mostraram todo seu valor desde o momento mesmo em que atacaram o quartel. Atacar um quartel militar requer uma grande dose de coragem por parte dos atacantes, e isso era o que sobrava àqueles jovens que em 1953 atacaram, muito mal armados, o principal quartel militar de Santiago de Cuba. Desgraçadamente nem todos eles eram tão habilidosos como seu chefe e muitos pagaram com suas vidas o temerário intento.

A ninguém ocorre dizer que um assaltante de banco seja um covarde, porque corra tão rápido quanto possa quando a polícia chega. Faz falta uma boa dose de coragem pessoal para assaltar à mão armada qualquer pessoa e um agudo instinto de conservação para saber o que fazer quando as coisas não saem como estava previsto.

Valor era o que sobrava a cada um dos tripulantes do *Granma*. Cada um deles sabia que arriscava sua vida no empreendimento. Porém, o que realmente necessitaram os expedicionários do *Granma*, quando foram surpreendidos pelo exército batistiano em Alegria de Pío não foi valor, mas muita sorte e um bem desenvolvido sentido de auto-conservação. É muito bem conhecido que o chefe da expedição sobreviveu graças à sua capacidade de concentrar-se no que tinha que fazer para sobreviver: permanecer imóvel e enterrado em um canal, até que passasse o perigo.

Outro argumento que se tem usado muito para denegrir o capo da nossa ***cosa nostra*** é o que ocorreu quando ele foi detido pela polícia mexicana, enquanto se encontrava no México preparando a expedição do *Granma*. Imediatamente depois da detenção de Fidel

Castro, um robusto grupo dos futuros expedicionários foi detido na fazenda que usavam para fazer práticas de tiro, sendo todas as suas armas confiscadas pela polícia mexicana. Os detratores de Castro dizem que imediatamente depois de sua detenção ele delatou seus companheiros, o que prova, segundo eles, sua falta de valor. Porém, novamente confundem falta de valor pessoal com sua habilidade para driblar situações difíceis. Dar rapidamente à polícia mexicana a informação que estavam buscando, facilitou a Castro uma solução do incidente favorável a seus interesses.

Valor e habilidade para sair com êxito pessoal das mais difíceis situações, são qualidades que caracterizam não só seu chefe, como a todos os membros da ***cosa nostra*** cubana. Talvez sejam os sucessos ocorridos em Granada, em 1983, um desses escassos momentos onde um subalterno de nossa ***cosa nostra*** teve a oportunidade de exhibir claramente tais qualidades. Granada é uma pequena ilha caribenha da qual as grandes agências de notícias não se teriam ocupado nunca, a não ser, pelo fato de que ocorreu aos russos que ali se podia construir um bom aeroporto que facilitasse o envio de tropas cubanas à Angola. Em 1983, devido a discrepâncias internas no partido do governo, o chefe de estado granadense foi destituído, criando-se uma situação que permitiu aos gringos justificar uma invasão militar na pequena ilha. Nesse momento, um numeroso contingente de trabalhadores civis cubanos trabalhava na construção da pista do aeroporto.

Desde que os navios de guerra gringos zarparam para cumprir sua missão, a sorte do aeroporto granadense estava decidida. Qualquer outro teria conformado-se com a realidade de que não havia maneira de salvar o aeroporto devido à massiva superioridade das tropas invasoras, porém Fidel Castro, com sua reconhecida habilidade de achar em tudo o lado favorável das coisas, se deu conta, em seguida, de que a invasão gringa a Granada lhe brindava uma magnífica oportunidade propagandística.

O coronel Tortoló foi enviado a Granada quando os navios gringos já estavam à caminho da pequena ilha. Levava ordens precisas de Fidel Castro, de organizar a resistência armada à tomada do aeroporto pelos gringos. Tortoló devia entregar fuzis russos AK aos trabalhadores civis cubanos e organizá-los para defender o aeroporto. As ordens recebidas eram estritas: ninguém devia render-se e deviam combater até a vitória ou a morte do último dos combatentes.

Nossa ***cosa nostra*** confiava em seus homens. A ordem de imolação havia sido dada e os que a deram contavam com seu cumprimento. Em Cuba, a notícia da morte heróica do último combatente, abraçado à bandeira cubana, foi cuidadosamente

redigida. Quando os helicópteros artilhados dos gringos aterrizaram na pista em construção, a ordem de disparar os fuzis foi dada. A ordem foi cumprida e as balas ricochetearam na blindagem dos helicópteros gringos... A Rádio Relógio interrompeu a transmissão habitual de notícias para dar conhecimento ao povo cubano das últimas informações procedentes de Granada. O povo inteiro vibrou de emoção e em uníssono ao inteirar-se da morte gloriosa em seu posto de combate, do último grupo de trabalhadores cubanos. Todos em Cuba estavam atentos às notícias que o locutor dizia chegarem diretamente de Granada, porém houve um problema.

O que não estava nos planos era o tremendo instinto de sobrevivência e a engenhosidade de Tortoló. Nem sequer seus superiores souberam calibrá-lo em todo seu valor. Tortoló recebeu uma missão suicida porém, por natureza, os membros da nossa **cosa nostra** não eram suicidas; eram corajosos, às vezes até temerários, porém tinham esse extra que distingue os destinados a sobreviver. Tortoló soube sair com êxito pessoal de uma situação extremamente difícil, tão difícil como foi sobreviver ao assalto ao Quartel Moncada, ou à debacle de Alegría de Pío.

No essencial Tortoló cumpriu as ordens recebidas: as armas foram entregues aos trabalhadores civis cubanos, a defesa do aeroporto foi organizada, e a ordem de abrir fogo contra os gringos foi dada. Tortoló recebeu instrução militar na União Soviética. Como militar de carreira sabia muito bem que não havia em absoluto nenhuma possibilidade de enfrentar com umas poucas dezenas de fuzis AK o poder de fogo de uma divisão helitransportada gringa. Iniciado o combate, seu afinado instinto de sobrevivência o guiou com êxito. Deu um jeito para romper o cerco gringo, escondeu-se nas montanhas próximas... e finalmente se infiltrou dentro da embaixada russa em Granada.

Passaram-se os dias e as pessoas em Cuba se inteiraram de que os trabalhadores cubanos em Granada não se imolaram, senão que foram feitos prisioneiros pelos gringos. Foram vistos pela televisão chegar em Cuba. Também se viu Tortoló chegar, descer da escadinha do avião que o trouxe de Granada e dizer a Castro que o foi receber: "Comandante em Chefe, sua ordem foi cumprida"... Tortoló foi castigado porque não se imolou junto com todos os trabalhadores civis cubanos como estava previsto. Foi rebaixado a soldado raso e foi enviado a Angola para ganhar outra vez seus graus. Porém o fato de que não tenha sido fuzilado imediatamente, prova que a cúpula da máfia cubana reconheceu Tortoló como um digno representante de nossa **cosa nostra**.

Amigo de seus amigos... enquanto forem seus amigos

A amizade entre os membros de nossa **cosa nostra** foi sempre cultivada com esmero. O pequeno grupo da velha guarda soube conservar sua estreita relação apesar das metamorfoses da vida. Na Cuba de Castro houve generais de brigada e generais de exército desde que Raúl Castro decidiu copiar o sistema de graus militares que têm os russos. Na Cuba de Castro houve ministros, presidentes e parlamentares desde que a **cosa nostra** chegou ao poder e se adaptou a ele, porém o grau que todos invejavam era o de Comandante da Revolução, que foi o título outorgado aos membros do mais estreito círculo de incondicionais de Castro.

Um Comandante da Revolução era um intocável em Cuba. Com o tempo, uns, como Guillermo García, decidiram retirar-se do mundo da política e dedicar-se ao que realmente lhes agradava: a briga de galos finos e a criação de gado de raça. Outros, como Almeida, repartiam seu tempo entre a delicada tarefa de reconciliar entre si subalternos desgostosos, escrever canções populares e manter todas as suas queridas. Outros dedicaram toda sua vida a uma única paixão, como Ramiro Valdés, dedicado completamente ao estimulante trabalho de saber tudo dos demais e organizar coisas ocultas; ou como Armando Hart, que passou toda a vida posando de intelectual efeminado e vigiando os intelectuais virís. Porém, não obstante o que fizesse cada um deles, ou os inevitáveis atritos que as transformações da vida houvesse provocado entre eles, de vez em quando todos eles mostravam-se em público junto ao chefe, para deixar bem claro quem realmente mandava em Cuba.

A amizade e a fidelidade também foram cultivadas entre os subalternos e no seio da **família**. Houve amigas de toda a vida, como María Antonia de Contramaestre, dona e senhora de uma magnífica fazenda, e cujos inexplicáveis privilégios engendraram a crença generalizada de que ela foi a mesma María Antonia, em cuja casa no México se conheceram Fidel Castro e o legendário Che Guevara. Os amigos, amigos são, e como María Antonia tinha os mesmos gostos que Guillermo García e era uma velha amiga, em um país onde fora proibido o latifúndio privado e a contratação de mão de obra por proprietários privados, María Antonia sempre gozou do privilégio de ser a dona de uma magnífica fazenda dedicada à criação de gado de raça, com direito a importar e exportar diretamente o que desejasse ao estrangeiro, e com seus próprios peões a soldo; peões que, diga-se de passagem, foram muito afortunados, pois María Antonia foi sempre muito generosa com seus servidores.

Porém a amizade, como o amor, o vento a leva se falta a química que a alimenta, e os homens perspicazes sabem disso e atuam em consequência. Nem todos os assaltantes ao quartel Moncada, nem todos os expedicionários do Granma tinham a fibra requerida para converter-se em membros honorários da nossa **cosa nostra**. Mario Chanes de Armas ia no mesmo carro que Fidel Castro quando assaltaram Moncada, e Hubert Matos era o Comandante do Exército Rebelde, porém eles não souberam conservar a amizade que seu chefe lhes brindou. Um capo tem que ser capaz de intuir quando a amizade termina e, o que é mais importante ainda, tem a obrigação de inculcar em seus homens o respeito à amizade como um valor sagrado. Chanes e Matos careciam da capacidade de entregar-se incondicionalmente à **família** e Castro, que podia simplesmente tê-los mandado matar, preferiu encerrá-los em um cárcere, junto com milhares de seus inimigos.

Há quem especule que isso foi uma debilidade imperdoável de Fidel Castro. Esses dizem que um capo não pode, sob nenhuma circunstância, dar-se ao luxo de ser débil com seus amigos, pois isso poderia afetar a **família** completa. Esses que assim tratam de difamar o capo de nossa **cosa nostra**, esquecem que Mario Chanes de Armas possui o recorde mundial de ser o preso político que passou mais tempo encarcerado entre grades, muito mais que o arqui-famoso lutador sul-africano Nelson Mandela. Tampouco ouve-se esses difamadores falarem acerca do caso de Pedro Luis Boitel, que tratou de pressionar Fidel Castro fazendo uma greve de fome quando o levaram preso. Boitel, que havia sido presidente da Federação Estudantil Universitária até pouco antes de ser preso, e que conhecia pessoalmente Fidel Castro, declarou-se em greve de fome sob o lema "liberdade ou morte"... e morreu. Os ingleses induziram a que o mundo todo chamasse pelo apelido de "a Dama de Ferro" à que fora sua primeira ministra, Margareth Thatcher, aproveitando o fato de que Thatcher deixou morrer de fome uns irlandeses que, mediante uma greve de fome, queriam obrigá-la a dar a independência à Irlanda do Norte. Já é hora então de que nós, os cubanos, façamos justiça aos nossos, mostrando ao mundo a firmeza do nosso "Homem de Ferro".

Ser amigo de seus amigos, ser capaz de reconhecer quando um amigo deixa de sê-lo e ter a fibra requerida para atuar em consequência, são virtudes características das pessoas da **cosa nostra**. Porém a nossa, a cubana, alcançou os mais altos limites da excelência quando viu-se obrigada a eliminar seus próprios amigos, em honra de sua própria sobrevivência. Em 1986 estava claro que a economia cubana estava padecendo uma recessão. Os negócios da **família** não andavam bem. Os russos tinham seus próprios problemas e haviam diminuído suas "contribuições" à ilha, o mais avantajado discípulo de Che Guevara na África, Jonas Savimbi, não

deixava de maltratar em Angola, e, para cúmulo, o banco internacional estava decidido a cobrar de Cuba a dívida que tinha com eles.

Os cubanos somos gente engenhosa. Os governantes cubanos começaram a vender o petróleo que os russos enviavam a Cuba, com consentimento russo, é claro. Simultaneamente, foi criada uma seção especial do Departamento de Segurança do Estado dedicada ao que eles eufemisticamente chamaram “romper o bloqueio dos yankees”. Os hierarcas máximos de nossa **cosa nostra** encomendaram às pessoas desse departamento a missão especial de fazer todo o negócio sujo que pudessem, para conseguir os dólares que a **família** sempre gostou tanto e que tão urgentemente necessitava. Alguns dedicaram-se a contrabandear com os “lancheros” de Miami tudo o que puderam; outros dedicaram-se a contrabandear armas russas pelo Panamá, aproveitando que também no Panamá um mafioso as havia arranjado para fazer-se chefe de estado; e até alguns contatos foram feitos com o rei da coca, o colombiano Pablo Escobar, chefe do famoso cartel de Medellín.

Já em 1989, embora os índices econômicos gerais da economia cubana estivessem piores que em 1986, os negócios da **família** iam de bem a melhor. O tráfico de drogas dava bons dividendos. Aldo Santamaría, o irmão do legendário Abel, se encarregava de proteger com a Marinha de Guerra os lançamentos de coca feitos por aviões em águas territoriais cubanas. Dessa maneira punha-se os traficantes de droga latino-americanos em negócios com a **família** cubana, fora do alcance do Departamento de Luta Antidrogas gringo. Um general e um coronel da segurança do estado, os irmãos Patricio e Tony de La Guardia, se encarregavam de garantir o reenvio desde o território cubano, da droga recolhida em alto mar. Enquanto isso, o general Arnaldo Ochoa, chefe das tropas cubanas em Angola, e amigo íntimo dos irmãos Castro, dava sua contribuição aos negócios da **família** mediante um polpudo contrabando de presas de elefantes e madeiras preciosas.

Por desgraça, os russos cometeram a estupidez de pôr-se ao comando de Mihail Gorbachov. Gorbachov não sabia onde estava metido e começou a mencionar a corda na casa do enforcado. O que se passou todo mundo sabe: os russos acabaram perdendo todo o império que haviam conquistado depois da Segunda Guerra Mundial. Em 1988 Gorbachov visitou o país dos gringos e pouco depois, em princípios de 1989, veio a Cuba. Durante sua visita aos Estados Unidos os gringos se queixaram ante Gorbachov do tráfico de drogas que estava ocorrendo através de Cuba e o advertiram que se ele não pusesse fim a essas atividades, os Estados Unidos ver-se-iam obrigados a fazer com Cuba o que pouco depois fizeram contra o general Noriega no Panamá.

Pouco depois da visita de Gorbachov a Cuba, os cubanos presenciamos um fato sem precedentes: um julgamento transmitido pela televisão, onde se julgava por corrupção um importante grupo de altos oficiais cubanos. É claro que o julgamento não foi transmitido ao vivo, isso teria sido demasiado arriscado, porém nunca antes a **cosa nostra** cubana havia falado publicamente de seus negócios. Durante as transmissões televisivas, os cubanos residentes em Cuba nos inteiramos dos negócios turvos da **família** que os gringos informaram a Gorbachov se estavam fazendo em Cuba. O segundo no comando da **família**, Raúl Castro, não pode evitar que se lhe escapassem algumas lágrimas, quando votou a favor do fuzilamento de um íntimo da **família**, o general Arnaldo Ochoa. Ochoa começou sua carreira como guerrilheiro em Sierra Maestra e chegou a ser o chefe de todas as tropas cubanas baseadas em Angola. Ochoa recebeu o título de Herói da República de Cuba, como prêmio por suas numerosas vitórias militares e ia ser designado como chefe do Exército Ocidental de Cuba, justo antes que a **família** se visse na necessidade imperiosa de sacrificá-lo em honra do bem comum.

Os eventos ocorridos pouco depois no Panamá, demonstram que Fidel Castro valorizou corretamente a gravidade da situação criada. Nossa **cosa nostra** corria o risco de ser destruída como o foi a panamenha, cujo capo e sócio de negócios da nossa **cosa nostra**, o general Noriega, perdeu os milhões que tinha poupados em contas estrangeiras e ainda permanece encarcerado em uma prisão gringa, por acusação de narcotráfico. Não foi nada prazeroso para o capo cubano ver-se obrigado pelas circunstâncias a mandar fuzilar os seus, porém a própria existência da **família** estava em perigo e, em última instância, foram seus subalternos os que não foram capazes de manter os negócios da **família** fora do alcance dos órgãos de inteligência gringos. A obscura morte na prisão do general Abrantes, ex-ministro do Interior e ex-chefe da segurança pessoal de Fidel Castro, ocorrida pouco depois do seu encarceramento, pôs um ponto final a um dos mais difíceis momentos enfrentados por nossa **cosa nostra**.



A fórmula cubana

A origem de toda ***cosa nostra*** há que buscá-la sempre em um grupo de homens despossuídos, porém completamente decididos a tomar com suas próprias mãos a riqueza que a sorte lhes negou ao nascer. A máfia gringa se consolidou nos anos da lei seca norte-americana, quando um punhado de imigrantes italianos viu sua oportunidade no domínio do mercado negro de bebidas alcoólicas. Com o dinheiro obtido à força de habilidade, coragem e falta de escrúpulos, os mafiosos ampliaram seu teatro de operações e na década de 50 a máfia gringa aproveitou o paraíso fiscal existente no estado de Nevada para limpar seu dinheiro, investindo-o no lucrativo negócio do jogo. Assim foi fundada a meca dos aficcionados ao jogo, Las Vegas, e os antigos mafiosos transformaram-se em respeitáveis homens de negócios.

Os narcotraficantes colombianos construíram seu império comprando as colheitas aos cultivadores de coca, a um preço muito melhor que o que receberiam cultivando qualquer outra coisa, e vendendo a coca aos ricos de todo o mundo a preços que só eles podem pagar. Com o triunfo dos negócios veio a inevitável concorrência por tão lucrativo mercado, que deu lugar ao surgimento das tão famosas narco-guerrilhas colombianas que efetuaram o milagre de transformar a luta pelo controle do mercado da coca, em uma luta para melhorar as condições de vida dos camponeses colombianos.

A via cubana de enriquecimento foi a política. Fidel Castro tentou entrar na política pela via legítima, como candidato do partido Ortodoxo de Chibás, porém, Batista com seu golpe de estado o impediu. Então veio o assalto ao quartel Moncada, para tomar pela força o que resultava desdenhoso conforme a ordem imperante.

A melhor forma de triunfar nos negócios não é ser o melhor adversário como muitos pensam, mas eliminar todos os adversários. Em 1959 Fidel Castro, após a fuga de Batista, teve a oportunidade de sua vida e a aproveitou. Os barbudos de Sierra Maestra foram merecidamente recebidos como heróis pelo povo havanero, quando entraram triunfalmente na capital cubana montados nos tanques do outrora exército batistiano. Todo o poder havia caído nas mãos dos que haviam tido a coragem de arrebatá-lo dos que o possuíam.

Tinham o poder, a força, porém não o dinheiro sem o qual o poder e a força duram muito pouco. Havia chegado o momento de recolher os dividendos de tanto esforço e construir a base econômica capaz de sustentar a ***família***. Só há duas formas de se enriquecer rapidamente: ganhando na loteria ou tomando a riqueza dos que a

têm. A futura **cosa nostra** cubana que havia chegado ao poder pela força das armas e não à força do dinheiro; estava pois, obrigada a tomar a riqueza dos que a possuíam.

Em 1959, em Cuba, a riqueza estava nas mãos dos ricos e dos gringos. Aos ricos cubanos não era tão difícil expropriá-los, porém a tarefa de arrebatá-los dos investidores do poderoso vizinho do norte o que tinham, não era nada fácil. Fidel Castro viajou aos Estados Unidos nos primeiros meses de 1959 para tratar de desviar a opinião pública norte-americana de suas reais intenções. Lá comprovou o que se temia: que os gringos não tinham nada de tontos e que não haveria forma de convencê-los para que se deixassem roubar. Tudo parece indicar que o jovem Castro não soube dissimular bem suas ambições durante a tal viagem, porque suas ações fizeram com que o então vice-presidente gringo, Richard Nixon, suspeitasse de suas reais intenções. Nixon chegou a confundir um gângster com um comunista. Em consequência, os gringos decidiram não apoiar Fidel Castro enquanto apoiavam a tipos que o mereciam menos, como o nicaraguense Somoza, ou o dominicano Trujillo.

Um gângster e um comunista se parecem porque ambos desejam expropriar os ricos pela força, daí a confusão de Nixon. Inicialmente Fidel Castro havia confiscado as propriedades dos que haviam apoiado Batista durante a guerra civil cubana, porém sem a "cooperação" dos gringos isso não era suficiente. Foi então quando o núcleo gestor da nossa **cosa nostra** decidiu queimar os barcos de Hernán Cortés e todos os grandes proprietários capazes de fazer-lhe sombra nos negócios foram expropriados, fossem cubanos, gringos, ou de onde fossem.

A guerra civil acabou em 1959, porém a guerra pelo controle de toda a riqueza acumulada em Cuba estourou com as confiscações massivas, ordenadas pelo governo "provisório" instaurado com o triunfo da revolução de 1959. A máxima: "o inimigo do meu inimigo é meu aliado", produziu em Cuba a aliança entre o núcleo diretor do Movimento 26 de Julho, comandado por Fidel Castro, e a direção dos comunistas cubanos, encabeçada por Blas Roca e Carlos Rafael Rodríguez. Os comunistas aspiravam a capitalizar em favor de suas quimeras a energia e a vontade de luta que sempre caracterizou a nossa **cosa nostra**, enquanto a **cosa nostra** cubana alcançava o que a máfia gringa obteve com Las Vegas: a legitimação de suas atividades.

A aliança da **família** com os comunistas foi uma aliança frutífera e duradoura. É certo que nem Blas Roca nem Carlos Rafael Rodríguez não puderam jamais alcançar o título de "Comandantes da Revolução", porém ambos gozaram de enormes poderes enquanto estiveram vivos. Carlos Rafael Rodríguez foi o homem chave nas

relações cubano-russas e Blas Roca foi o que legitimou o draconiano código penal cubano que facilitou todos os negócios da **família** durante a época de Castro.

Por seu lado, Fidel Castro e seus íntimos mais próximos abocanharam desde 1965 os postos chaves do partido comunista de Cuba, conseguindo, assim, o que nenhuma *cosa nostra* conseguiu repetir: pôr todo o aparelho estatal em função dos negócios da **família** e ainda ser admirada por isso por uma ampla gama de intelectuais e organizações em todo o mundo. A máfia gringa dos anos 30 foi poderosa, porém teve que empregar uma fortuna para subornar a polícia sem poder nunca suborná-los a todos. Pablo Escobar, o rei da coca colombiano, foi muito poderoso, porém morreu crivado de balas pelos policiais colombianos. Nem sequer os famosos velhacos peruanos, Fujimori e Montesinos, conseguiram o que conseguiu a nossa **cosa nostra** com sua aliança com os comunistas cubanos. Certamente Fujimori e Montesinos não tiveram que cuidar da polícia enquanto governaram o Peru, porém nenhum dos dois gozou, enquanto roubavam, da mesma popularidade que teve a nossa **cosa nostra** enquanto fazia o mesmo que eles.

Posto que havia estourado a guerra pelo controle das riquezas cubanas, era necessário contar com forças suficientes para esmagar os expropriados, porém isso não foi um problema difícil de resolver: bastou repartir uma porção dos bens confiscados entre os despossuídos, para assegurar o apoio da maioria da população às expropriações. O vocabulário populista e a aliança com os comunistas facilitaram a operação. O grosso do botim constituiu o capital original que a **família** necessitava para afiançar seus negócios e seu poder.

Uma vez eliminados todos os competidores, só havia que organizar bem as coisas para obter vultosos dividendos. Tinha razão Karl Marx, o profeta dos comunistas, quando dizia que o trabalho é a fonte de toda a riqueza, pois foram as riquezas produzidas cada dia por milhões de trabalhadores cubanos, a fonte principal de remessas para a **cosa nostra** cubana. A coisa era simples, não importa quão improdutiva fosse a organização do trabalho implantada pelos comunistas na economia cubana; o miolo do negócio era pagar aos trabalhadores cubanos com um papel moeda cuja impressão era controlada pela **família**. As leis "revolucionárias" deram o monopólio do comércio exterior cubano à **família**, cujo negócio mais seguro consistiu durante muitos anos na venda ao exterior ao melhor preço possível, de tudo o que fosse vendável do produzido em Cuba, e a compra no exterior do estritamente imprescindível para manter o negócio andando.

Vender em dólares gringos o produzido pelos trabalhadores cubanos e pagar aos trabalhadores em pesos de papel, foi um grande

negócio. Vender em dólares e pagar com bônus de papel que só podiam ser trocados por algo útil nas lojas “comunistas” da **família**, foi um magnífico negócio. Não dava cem por cento de lucro porque de todo modo tinham que comprar algumas coisas no exterior para manter o negócio e, embora que para otimizar os lucros compravam-se os produtos da pior qualidade existente no mercado, ninguém presenteava nada e alguma coisa havia que se pagar.

Durante anos as pessoas em Cuba se queixaram da má qualidade do pão que o governo lhes oferecia pelo cartão de racionamento. Centenas de explicações foram dadas pelos meios massivos de comunicação, controlados completamente pela **família**: que certamente os padeiros roubavam a manteiga destinada para o pão, que certamente colocar os pães em sacos de tecido não era o mais apropriado para transportá-lo, que isto, que aquilo; porém, nunca disseram a simples e absoluta verdade: que o pão do povo era ruim porque a farinha usada para produzi-lo era de muito má qualidade. Quando o negócio com os russos caiu por culpa das bobagens de Gorbachev, a **família** viu-se obrigada a investir algum dinheirinho em comprar farinha de melhor qualidade e, milagrosamente, da noite para o dia, apesar da crise econômica imperante, os mesmos padeiros que certamente antes roubavam a manteiga “aprenderam” a fazer pães de boa qualidade... para aqueles capazes de pagar com dinheiro real.

Compra barato e vende caro, exige que te paguem porém trata de não pagar, a volta às origens nos negócios foi a chave para a construção do império econômico da nossa **cosa nostra**. Para entender porque era tão popular na Cuba de Castro a ervilha, o arroz e o ovo, basta ir a qualquer supermercado gringo: a ervilha é o grão mais barato e o ovo é a fonte de proteína animal mais barata que se pode comprar. A soja é mais barata que o leite, daí que quando os alemães deixaram de permutar leite em pó por açúcar, com a **família**, surgiu a idéia de substituir o leite pelo yogurte de soja.

Enquanto os comunistas cubanos se ocupavam de convencer a todo o mundo, dentro e fora de Cuba, de que as propriedades confiscadas pertenciam a todo o povo, a nossa **cosa nostra** se ocupava em explorar sua privilegiada posição. A **família** tinha o monopólio exclusivo do mercado interno cubano. Dez milhões de cubanos estavam obrigados a comprar tudo o que necessitavam para viver nos negócios da **família** e aos preços que a **família** fixasse. A **família** era, além disso, o único empregador autorizado em Cuba: ou trabalhavas para a **família** ou os comunistas te declaravam desocupado ... e te obrigavam a trabalhar para a **família**!

Os comunistas estavam contentes com o estado das coisas. Os preços oficiais eram realmente baixos, ao alcance de todo o mundo, e

é aí de onde provém a genialidade de nossa **cosa nostra**. Durante dezenas de anos, antes de Gorbachev, as pessoas iam com seu cartão de racionamento às lojas da **família** para trocar os produtos que se ofereciam ali, pelo salário em pesos de papel cubanos que recebiam como pagamento por seu trabalho. Não havia nenhuma razão para cometer a estupidez de querer trocar ervilha, arroz ou ovos por um grande número de pesos de papel, sobretudo se era o dono do negócio quem mandava imprimir o dinheiro e estava bem certo do seu valor quase nulo. Melhor era seguir a corrente dos comunistas e após descontar a parte do leão para a **família**, calcular quanto custava comprar aos negociantes estrangeiros o mínimo indispensável para manter as pessoas e os comunistas tranqüilos. O salário das pessoas era calculado de uma forma muito simples: primeiro se decidia a quantidade mínima de ervilha, arroz e ovo que fazia falta para manter o negócio, depois se determinava um preço para a unidade desses produtos e, finalmente, um pouquinho de aritmética de sexto grau servia para decidir quanto papel havia que dar a cada um para que pudesse ir à loja e adquirir o que se lhe concedia.

É certo que, desgraçadamente, Cuba não é uma grande produtora de petróleo como o México, ou de diamantes como a África do Sul; é certo também que Cuba é uma pequena ilha. Porém, tendo achado a forma de ficar com o grosso das divisas provenientes da venda no exterior de tudo o que era vendável em Cuba, nossa **cosa nostra** assegurou a riqueza que necessitava para consolidar seu poder. Fidel Castro, que entrou na Universidade de Havana respaldado somente pelo latifúndio do seu pai, conseguiu assim converter-se em um poderoso homem de negócios, ao ponto de que uma famosa revista gringa, especializada em "babosear" acerca das fortunas dos muito ricos, teve finalmente que fazer justiça aos cubanos e incluir o capo de nossa **cosa nostra** na lista dos donos das maiores redes de negócios do mundo.



O negócio da guerra

Fidel Castro viajou aos Estados Unidos nos primeiros meses de 1959, só um pouquinho depois de sua entrada triunfal em Havana. Lá, Castro convenceu-se de que não receberia apoio do poderoso vizinho para seus planos absolutistas e, nem breve nem indolente, dispôs-se a buscar em outros lugares algum poderoso que o ajudasse a consolidar seu poder.

Depois das massivas expropriações a todos os possíveis concorrentes nos negócios, incluindo as expropriações aos mesmíssimos gringos, nossa **cosa nostra** no fundo sabia que se havia envolvido em uma luta sangrenta pelo controle da riqueza acumulada em Cuba. Não se pode arrebatrar de alguém o que tem, e esperar que o agredido aguente passivamente o roubo, sobretudo se entre os agredidos havia um montão de poderosas companhias gringas. Tampouco se pode mandar fuzilar uns dez mil desgraçados após julgamentos sumaríssimos, sem esperar que outros cinquenta mil familiares e amigos fiquem desgostosos. Então, tomando como premissa que "o inimigo de meu amigo é meu aliado", ocorreram três importantíssimas alianças. Por um lado, ocorreu a aliança entre os dirigentes do Movimento 26 de julho, encabeçado por Castro, e os comunistas cubanos. Por outro lado, tanto Castro quanto os comunistas cubanos buscaram ativamente o apoio dos russos.

Com armas russas compradas aos checos, o exército de Castro esmagou a tentativa dos seus opositores de administrar a ele o mesmo medicamento com que Castro acabou com Batista. Por sorte, para Castro, em 1961 a nova administração do presidente John F. Kennedy cometeu a torpeza de realizar as coisas pela metade, ao retirar o apoio aos expedicionários da Baía dos Porcos na hora da verdade.

Passado o susto, Fidel Castro se lançou de cabeça nos braços dos russos. Só alguns meses depois de Baía dos Porcos, Castro aceitou a oferta russa de instalar em Cuba, bem pertinho dos gringos, um montão de mísseis com ogivas nucleares. Mais de quarenta mil soldados russos entraram em Cuba, sem disparar um tiro, quatro vezes mais que o número total de soldados gringos que se envolveram na guerra pela independência de Cuba, salva por nossos mambises contra a Espanha.

Com a ajuda dos comunistas, Fidel Castro ajustou as coisas de modo a esconder a entrada das tropas russas, até mesmo dos próprios cubanos, porém não houve modo de passá-la pelos narizes dos yankees e quando estes se inteiraram, puseram a boca no mundo.

Na ocasião, os russos tinham um chefe do tipo do mal, (raio o parta!) Gorbachev. Nikita Krushev era um desses comunistas que parece acreditar no que eles mesmos dizem. Quando o fizeram chefe, a primeira coisa que fez foi pôr-se a bradar aos quatro ventos todas as veleidades que havia feito o grande Stálin na Rússia, e embora não tenha chegado a dizer o mais infame, que Stálin havia assinado um pacto secreto com Hitler, no qual a Rússia e a Alemanha repartiam a Polônia, Krushev disse que Stálin havia mandado matar a não sei quantas pessoas, e mil bobagens mais. Parece que Nikita Krushev, conhecedor das boas relações entre os comunistas cubanos e Fidel Castro, cometeu o mesmo erro que Nixon, com relação ao capo de nossa **cosa nostra**, e o acreditou um disciplinado comunista sempre disposto a cumprir as orientações provenientes do "irmão" mais velho.

A carta estritamente confidencial que Castro lhe mandou o fez colocar os pés no chão. Depois de ler a petição que lhe fazia Fidel Castro, de que não vacilasse e lançasse um ataque nuclear aos gringos, Nikita Krushev se pôs imediatamente em contato com o presidente gringo, John F. Kennedy. Nesse mesmo momento acabou-se a crise dos mísseis e pouco tempo depois acabou-se o mandato de Krushev, pois os russos decidiram pôr um chefe mais realista no comando de seu império.

Não obstante, o resultado final do incidente nuclear foi vantajoso para a **família**. Desde então, nossa **cosa nostra** contou com o apoio total dos russos. Os mísseis foram retirados, porém, em solo cubano ficaram mais soldados russos do que gringos que alguma vez tenham pisado o solo cubano. Com as tropas russas protegendo seus negócios dos gringos, Castro pode dedicar-se em tempo integral em acabar com os levantes do Escambray.

Não se pode querer ir dançar em casa de pião. Castro passou dois anos levando vida de guerrilheiro em Sierra Maestra antes da fuga de Batista e não ia repetir com os guerrilheiros do Escambray, que lutavam contra ele, os erros que Batista cometeu. À guerrilha há que acabá-la pela raiz, como um tumor maligno. Muito antes de que os gringos se dedicassem a dar treinamentos de luta contra guerrilhas, em Cuba levaram-se à prática todas essas técnicas. Dezenas de milhares de soldados armados com armas russas novinhas, foram enviados a passar o pente fino de ponta a ponta o Escambray. Para evitar o apoio que queiram ou não os camponeses da zona sempre dão aos revoltosos, Fidel Castro recorreu ao que nos ensinaram os espanhóis em suas tentativas de acabar com os mambises: povos inteiros do Escambray foram deportados à Pinar del Río. Muitos anos depois de haver acabado com as guerrilhas do Escambray, ainda existiam os chamados "povos cativos" em Pinar del

Río, habitados em sua maioria pelos descendentes daqueles camponeses da serra que foram desalojados de suas terras.

Arrasada toda a resistência interna, com a proteção brindada pelas tropas russas instaladas em solo cubano, e com o problema financeiro resolvido através do monopólio do comércio interno e externo do país, a **família** havia consolidado seu império em finais dos anos sessenta.

Chegava, pois, o momento de “institucionalizar” o país. Fidel Castro havia prometido às pessoas, justamente ao tomar o poder em 1959, a realização em breve de eleições livres. Bem, as pessoas acreditam em qualquer coisa que lhes dizem. Porém, em 1970, as pessoas estavam descontentes. A situação econômica do país deixava muito a desejar, os russos estavam reclamando a entrega de todo o açúcar conveniado com Cuba, e a idéia de centralizar toda a força da propaganda na “Safrá dos Dez Milhões” havia resultado em um desastre.

Tudo o que a **família** havia podido repartir entre sua gente, há tempo havia sido entregue: as casas e os bens pessoais dos que haviam partido para o exílio, as terras que não foram incorporadas ao patrimônio da **família**, os postos no governo. Havia que inventar algo novo. Então surgiu a idéia da “institucionalização” da revolução.

Por um lado a **família** dava gosto aos russos e aos comunistas cubanos, aceitando oficialmente os russos como os verdadeiros comunistas e declarando os chineses como traidores. Carlos Rafael Rodríguez, a eminência parda dos comunistas cubanos, foi designado embaixador de Cuba na Rússia e Blas Roca, o líder histórico dos comunistas cubanos, foi incluído no Birô Político do Partido Comunista de Cuba, o qual realizou, seguindo o exemplo russo, seu primeiro congresso em 1975. Em troca desses benefícios outorgados aos comunistas, o capo de nossa **cosa nostra** apareceu oficialmente convertido no Primeiro Secretário do Partido Comunista de Cuba, Presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros, Comandante em Chefe das Forças Armadas e, após as primeiras eleições, com o “não se preocupem que não há forma que eu não ganhe”, Castro acrescentou aos seus títulos o de honorável companheiro Presidente da República de Cuba. Assim, meio às moscas, nomearam Raúl Castro Primeiro Vice-presidente e Chefe das Forças Armadas e os membros da **família** mais íntimos de Castro ocuparam os cargos chave no Birô Político do Partido Comunista e nos demais órgãos de direção do Estado.

Em troca de grandes empréstimos para reativar a economia cubana, a inflamada “nova” direção da “instituída revolução” aceitou a proposta russa de enviar tropas cubanas à Angola. A **família**

garantiria os combatentes e os russos se ocupariam de fornecer as armas, custear a operação e dar os empréstimos para construir o que os comunistas se encarregaram de apresentar como mostras da superioridade do socialismo: a ferrovia central, a autopista nacional e a central eletronuclear de Juraguá.

Vinte anos depois, a burla característica dos governos dos primeiros presidentes cubanos, provenientes das fileiras mambises, se havia repetido na "instituída" ditadura do proletariado da qual falavam os comunistas cubanos: os trens andavam em passo de tartaruga no lugar em que se construiu a tão festejada e ultramoderna ferrovia central, a autopista nacional nunca acabou de ser construída e a central eletronuclear de Juraguá converteu-se no maior monumento de ferro e concreto do mundo. Não obstante, o que certamente se fez foi tomar todo o dinheiro que se havia conseguido para realizar essas obras e endividar o país até a medula, coisa que, por certo, é a materialização de outras das simples regras que levaram a nossa **cosa nostra** ao triunfo seguro nos negócios: tomar todo o dinheiro com que lhe brindam os miseráveis e depois fazer um arranjo para não pagar-lhes nunca.

Em 1986, a **família** havia alcançado o cume do seu poder; porém, embora o que ninguém imaginava então, o lucrativo negócio com os russos estava a ponto de terminar. As coisas não iam bem para os russos em seus próprios negócios e os ares da perestroika estavam a ponto de converte-se em ventos. Os russos deixaram de pagar o costumeiro à **família** e, posto que, onde não há pagamento não há serviço, a **família** começou a liquidar suas guerras na África e a buscar novas idéias para manter o que conquistou.

Eram os anos da presidência de Ronald Reagan. O presidente gringo estava aplicando tudo o que aprendeu em Hollywood para impulsionar o programa da "Guerra nas Estrelas" e estimava os russos demasiado loucos com os gastos de defesa que isso implicava. Durante sua visita à Rússia, os russos informaram a Fidel Castro que nas condições existentes as tropas russas instaladas em Cuba não seriam usadas contra os gringos, no caso de uma invasão dos yankees a Cuba. Castro, sempre tão imaginativo, imediatamente formou as chamadas milícias de tropas territoriais, destinadas a formar um escudo humano que protegesse a **família** dos gringos. Anos depois, outro grande, Saddam Hussein, no Iraque, usou com êxito os escudos humanos para evitar que os gringos destruíssem seus palácios.

Para dar um fim "honorável" ao negócio da guerra em Angola, as tropas cubanas embrenharam-se em encarniçados combates para obter uma última vitória. A vitória de Cuito Canavale permitiu à **família** evitar a afronta que acompanha os que se retiram do campo

de batalha sem haver conquistado a vitória definitiva, por falta do pagamento do patrão. Pela mesma razão, por falta de pagamento, a **cosa nostra** cubana deu fim pouco depois a todo o negócio da guerra, no qual demonstrou ser tão boa, o que permitiu a pacificação dos conflitos armados da América Central. Só as narco-guerrilhas colombianas, que dispunham de suas próprias fontes de financiamento, permaneceram ativas.

Cuba era então um dos países mais endividados do mundo, se não fosse já o mais endividado. Os credores, conhecedores do estado dos negócios entre Cuba e Rússia, começavam a mostrar-se nervosos e reclamavam o pagamento dos milhões emprestados. Então, Fidel Castro fez uso de toda a fama de Robin Hood que sua aliança com os comunistas cubanos lhe havia proporcionado, para tratar de amansar os credores. A **família** organizou uma conferência internacional de denúncia da dívida externa. Castro em pessoa acusou o banco internacional de haver enganado o mundo emprestando a qualquer um, tivessem estes reais possibilidades de cumprir com suas obrigações ou não, e fez um chamado ao não pagamento das dívidas. Inteligentemente, Castro pôs como exemplo de bons prestamistas os russos, que haviam emprestado grandes quantidades de dinheiro a Cuba em condições, segundo ele, muito generosas. Anos depois, quando os negócios com os russos pioraram muito, eram os russos que não encontravam a forma de fazer com que a **família** honrasse suas dívidas.

Não obstante, nos negócios há que se ser flexível. Apesar da queda dos comunistas na Rússia e da aliança entre a **família** e os comunistas cubanos, nunca romperam-se as relações entre Cuba e Rússia, nem sequer quando em princípios dos anos noventa os russos retiraram o grosso de suas tropas instaladas em Cuba, através da Base Naval de Guantánamo, propriedade dos gringos. A **família** prosseguiu arrendando o solo nacional aos russos, que continuavam interessados em manter uma base de espionagem eletrônica em Lourdes, próximo de Havana. Blas Roca morreu, Carlos Rafael Rodríguez retirou-se para desfrutar os últimos anos de sua vida junto a sua nova esposa, a influência dos velhos comunistas em Cuba tornou-se mínima e Vladimiro Roca, filho do líder histórico dos comunistas, passou 5 anos na prisão por opor-se ao capo da nossa **cosa nostra**.

Sabidamente, Fidel Castro sempre se opôs a um mundo unipolar, sobretudo se o único polo existente estava contra ele. O negócio da guerra requer a existência de dois bandos em combate, um dos quais poderia estar interessado em contratar a **família**, hábil em atividades guerreiras, para pressionar o outro bando.

Outros negócios da família

Depois de que, por culpa de Gorbachev, se deitaram a perder os negócios com os russos, a **família** teve que mudar a forma pela qual fazia seus negócios. Enquanto os russos estiveram dispostos a pagar à **cosa nostra** cubana por seus serviços, a **família** pode adquirir quase tudo de que necessitava para manter os negócios diretamente dos russos; porém, quando tudo mudou, nossa **cosa nostra** viu-se obrigada a comprar em outros lugares muitas das coisas que antes os russos lhes proviam, com o agravante de que esses malditos negociantes capitalistas sempre querem que lhes paguem com dinheiro bom, e não aceitaram nunca os bilhetinhos de papel com os quais invariavelmente a **família** sempre pagou aos trabalhadores cubanos e que tão facilmente podia mandar imprimir.

Novos tempos, novas idéias. Se o negócio com os russos havia terminado, era necessário buscar novas vias de entrada de dinheiro. A **família** viu-se obrigada a distanciar-se do palavreiro comunista para iniciar-se em novos e promissores negócios: o turismo internacional e as remessas de dinheiro provenientes dos cubanos no exílio.

Em 1959, quando Batista fugiu, a máfia gringa tinha planos de fazer grandes investimentos no negócio de hotéis e jogos em Havana. Esses planos foram-se pelos ares quando a nossa **cosa nostra** decidiu eliminar todos os seus possíveis concorrentes. De fato, tão logo Castro entrou em Havana, instalou seu comando no luxuoso hotel Hilton, o qual pouco depois recebeu o nome de Hotel Habana Libre. O turismo não foi de interesse para a **família** enquanto os russos estiveram pagando bem por seus serviços, porém quando o pagamento russo cessou, a **família** retomou a velha idéia da máfia gringa.

Supondo que o negócio hoteleiro só deixa dividendos se os hóspedes pagam com dinheiro bom por seus apartamentos, a **cosa nostra** orientou seus negócios para o turismo internacional, coisa que trouxe problemas aos comunistas, pois não foi nada fácil convencer as pessoas em Cuba de que dar alojamento, boa comida e melhor sexo a um turista proveniente de um depravado país capitalista, é a via adequada para construir o socialismo.

Tudo o que passa, convém. Em princípios dos anos noventa, mais de dois milhões de cubanos estavam vivendo no exílio, a grande maioria deles no país dos gringos. Durante anos a emigração dos cubanos foi vista com maus olhos, tanto por nossa **cosa nostra** como pelos seus aliados, os comunistas. Isso de deixar as maravilhas do socialismo para ir padecer a exploração do homem pelo homem

entre os capitalistas, não agradava em nada aos comunistas e menos ainda à **família**, que perdia assim a mão de obra originária de sua riqueza. Para evitar que as pessoas se fossem no que pudessem, o código penal cubano incluía o delito de “saída ilegal do país”, delito pelo qual milhares de cubanos passaram vários anos em algum dos numerosos cárceres do país. Outros milhares de cubanos passaram vários anos no cárcere acusados do delito de “posse de divisa estrangeira”. Esse delito, que não tinha nada a ver com o comunismo, tinha sim muito a ver com os negócios da **família**, sempre invejosa de qualquer tipo de competição ou fuga de suas possíveis receitas.

Porém, tudo o que passa convém e esses milhões de cubanos no exílio tinham mais de quatro milhões de familiares em Cuba. Um trabalhador cubano no exílio ganha em um dia mais do que a **família** pagava durante um ano inteiro a qualquer um dos seus empregados, estando então em condições de socorrer a seus familiares necessitados em Cuba. A necessidade é a mãe da invenção e a necessidade de novas fontes de dinheiro provocada pela falta do dinheiro russo, incendiou a faísca em Castro.

Fazendo passar novamente seus apuros aos comunistas, Fidel Castro impulsionou um novo e suculento negócio: o negócio das remessas familiares. Às pessoas em Cuba foi permitido possuir dólares, sobretudo se eram dólares enviados por seus familiares no exílio. Os meios massivos de comunicação controlados totalmente pela **família**, deixaram de qualificar com todo tipo de motes depreciativos, os cubanos no exílio, com a única exceção daqueles que enfrentaram a **família** ativamente. E para cúmulo da benevolência, o governo cubano declarou que permitiria a entrada de remessas familiares do exterior, sem a imposição de impostos.

Para facilitar o negócio, a **família** estimulou a criação em vários países de pequenas companhias dedicadas ao envio de dinheiro e pacotes, dos cubanos no exílio, a seus necessitados familiares em Cuba. As entregas eram garantidas em Cuba, quer dizer, a **família** dava garantias a essas companhias de que não interferiria nos envios, em troca do pagamento de uma comissão à **família** por tais companhias, comissão que pela lógica lei do mercado, era um golpe naturalmente pago pelos cubanos no exílio, na forma de altos custos de envio. Mais uma vez, com sua habilidade característica, o capo da nossa **cosa nostra** achou a forma de usar a seu favor o que a todo o mundo parecia um dos seus grandes problemas: a existência de uma numerosa comunidade cubana no exílio nada satisfeita com o que se passava em Cuba.

O monopólio do comércio interior assegurava o êxito do negócio. As pessoas querem o dinheiro para gastá-lo e em Cuba

havia que gastá-lo em um novo tipo de loja “não comunista” que proliferou junto com o negócio das remessas familiares. Os “shoppings”, como as pessoas os chamavam, eram estabelecimentos que vendiam produtos de melhor qualidade que os ofertados nas tradicionais lojas da época de Castro antes de Gorbachev, só que tinha que comprá-los em dólares e ao preço do monopólio que a **família** impunha. Esse foi um grande negócio com um único ponto débil: as pessoas em Cuba perderam rapidamente o apreço pelos pesos de papel que a **família** imprimia e aprenderam a diferenciar a má qualidade dos produtos oferecidos pelas tradicionais lojas “comunistas” dos de segunda categoria oferecida nos “shoppings” da **família**. Todavia, novamente foram os comunistas os que tiveram que passar o mal momento de explicar às pessoas como se pode construir com os malvados dólares gringos, o comunismo. Por sorte, o exemplo chinês os ajudou muito nessa tarefa.



Comunicação com as massas

Não creio que haja ninguém que ponha em dúvida as extraordinárias qualidades que, como comunicador, possuía Fidel Castro. Foi tão bom manipulador de pessoas, ou das massas, como agrada aos comunistas dizer, como foram Hitler, Mussolini, ou Mao. Quando Castro falava tinha que ouvi-lo, não só porque tinha o carisma característico dos grandes, mas, além disso, porque ele se assegurava de que as pessoas o escutavam. Quando Castro falava todas as estações de rádio e televisão em Cuba, bem controladas pela **família**, punham-se em cadeia para transmitir o que Castro quisesse dizer durante as duas horas e tanto, tempo que comumente duravam seus discursos. As pessoas ou ouviam Castro, ou não ouviam nenhuma outra coisa.

Para os santiagueros seus carnavais são algo muito apreciado. Por azar, para eles, Fidel Castro escolheu um dia de carnaval para atacar o quartel Moncada. Em 1953, Castro encheu de balas e sangue os carnavais dos santiagueros; porém, depois de 1959 os encheu de discursos. Cada 26 de julho os santiagueros tinham que esperar que Castro acabasse seu kilométrico discurso para começar as festas. Tinha que ouvir Castro ou lê-lo, porque no outro dia o texto completo de seu discurso era publicado em todos os jornais da **família**, quer dizer, por todos os jornais de Cuba.

Um bom comunicador sabe que não basta emitir uma mensagem para que esta chegue ao seu destino e que não basta que esta chegue a seu destino para que surta o efeito desejado. Um bom manipulador busca produzir um efeito nas pessoas e só quando o consegue, sente-se satisfeito. Hitler não permitia que ninguém interrompesse um orador fascista durante um mitin; para assegurar-se disso, os nacional-socialistas alemães tinham grupos de choque especialmente treinados para derrubar pela força, qualquer um que quisesse fazer o contrário em seus mitines massivos. Fidel Castro, como também fizeram Hitler, Mussolini e Mao, depois de tomar o poder, só permitiu seus mitines e, para evitar que do exílio entrassem pelo éter outras vozes distintas da sua, investiu muito dinheiro interferindo em emissoras como a Rádio Martí e a Tele Martí, que durante anos transmitiram dos Estados Unidos para Cuba sem muito êxito.

As baratas sem patas não ouvem, como demonstra o fato de que, se arrancas as patas de uma barata e lhe dizes que caminhe, esta não dá nem um passo. Do mesmo modo, as pessoas hão de ser preparadas pelo manipulador para que, ao receberem a mensagem, façam o que o manipulador quer. As multidões não pensam; só escutam e reagem ao que se passa ao seu redor. Por isso todos os

grandes manipuladores da história têm reunido muita gente em grandes multidões para dirigir-se a elas e controlá-las com a força do verbo, ou dos fatos.

Um grito de “fogo!” dentro de um cinema, prende em cada espectador a chama do terror em morrer carbonizado; a chama passa de um a outro e reforça-se com o terror dos outros. Do mesmo modo, a chama do valor prende, passa de um a outro e reforça-se com o valor dos outros, quando durante um combate encarniçado um chefe valoroso dá o exemplo heróico e se lança temerário a fazer o que parecia impossível. Essa é a força selvagem que um grande manipulador deve dominar e encaminhar aos seus próprios fins.

As chamadas “marchas do povo combatente” que Castro organizava, foram um de seus instrumentos favoritos para manipular as pessoas. A essas marchas havia que ir; eram demasiados os problemas que se criavam ao cubano comum que, cansado de tanta propaganda oca, decidia não ir. Havia que ir; porém, ao submergir-se na multitudinária marcha organizada pela poderosa maquinária estatal da **família**, ao cidadão descontente com seus governantes aquilo se passava como à barata mutilada. Submerso na multidão, o indivíduo deixava de pensar, o ritmo pegajoso das palavras de ordem que seus vizinhos gritavam arrastavam todo o seu ser como um rio caudaloso, e o pobre cidadão descontente acabava servindo ao manipulador genial, na tarefa de controlar os outros descontentes.

Quando as circunstâncias exigiram, o capo de nossa **cosa nostra** demonstrou não ser um favorito de nenhum diretor de cinema da meca do cinema americano mas soube criar o cenário adequado para que seu verbo incendiário cativasse a imaginação dos cubanos. Em 1980, um erro de cálculo inesperadamente produziu uma situação potencialmente explosiva na embaixada do Peru em Havana. Em 1980, tudo em Cuba ia à medida do desejo, e os pagamentos russos pela participação de tropas cubanas na guerra em Angola se refletiam em uma relativa bonança econômica na ilha. Não havia então razão alguma para supor que fosse possível um êxodo massivo de cubanos para o país dos yankees. As coisas iam tão bem que Fidel Castro em pessoa abriu um novo negócio: o das viagens de visita dos cubanos no exílio a seus familiares em Cuba. O negócio prometia, pois os cubanos exilados vinham carregados de dólares para comprar um montão de coisas para seus necessitados familiares em Cuba, em lojas que a **família** havia habilitado inicialmente só para os diplomatas. Todavia, o novo negócio tinha uma debilidade que foi subestimada por Castro: as visitas dos cubanos no exílio a seus familiares em Cuba, até esse momento proibidas pelo governo cubano, abria aos cubanos da ilha uma fenda para o resto do mundo.

Quando em 1980 alguns indivíduos entraram à força na embaixada do Peru em Havana, Fidel Castro cometeu o erro de declarar publicamente que o governo cubano deixaria a tal embaixada sem a guarda militar que Cuba mantinha nos arredores de todas as sedes diplomáticas estrangeiras, para impedir o asilo dos nacionais nelas. Imediatamente, milhares de havaneros entraram na embaixada do Peru pedindo asilo político. Isso era inadmissível para a imagem pública, que com tanto esmero cultivavam a **família** e seus aliados comunistas. Era pois necessário dar uma saída airosa à situação criada.

O presidente Jimmy Carter, com sua inocência característica, declarou que os Estados Unidos estavam dispostos a receber todos os cubanos que quisessem escapar da ilha comunista e imediatamente o capo de nossa **cosa nostra** idealizou um plano mestre para tirar vantagem das declarações de Carter. Pública e oficialmente, o governo cubano afirmou que todo aquele que quisesse ir-se poderia fazê-lo, e habilitou o porto de Mariel para que os cubanos de Miami pudessem ir em lanchas recolher seus familiares; simultaneamente, a **família** acorreu à sua arma favorita, as multidões, para manter o controle da situação interna. Estudantes de várias escolas havaneras foram mobilizados nas proximidades da embaixada do Peru para divertir-se, caindo de pau sobre todo aquele que quisesse juntar-se aos que já estavam dentro da tal embaixada. Em todo o país, os centros de trabalho e os chamados Comitês de Defesa da Revolução existentes em cada quarteirão, receberam instruções para realizar atos massivos de repúdio a todo aquele que solicitasse oficialmente a saída do país. Repetindo em Cuba o que os grupos paramilitares nacional-socialistas fizeram na Alemanha antes, milhares de casas foram apedrejadas durante tais atos de repúdio e o lançamento de ovos contra os que se apresentavam nos repartições de imigração para solicitar oficialmente a permissão requerida para sair do país, foi a diversão por esses dias das turbas mobilizadas pela **família**. No melhor do rebuliço existente, Castro deu seu toque pessoal de dramatização à situação criada, ao ordenar que dessem velas a um grêmio infantil havanero. Esse foi o ponto culminante da intensa campanha de relações públicas dirigida por Castro, para retomar o país. Uma oposição inexistente e não identificada foi acusada de incêndio no grêmio infantil, no qual, graças à "oportuna" intervenção dos bombeiros, todas as crianças foram "resgatadas" sãs e salvas.

A coisa terminou quando Carter se deu conta de com quem estava lidando e negou-se a receber mais gente, depois de que Castro oferecesse a todos os presos não políticos existentes em seus cárceres uma viagem grátis aos Estados Unidos, e obrigasse às lanchas que chegassem de Miami a levar com elas vários "agregados", se quisessem regressar com os familiares que haviam ido buscar.

O controle da rua sempre foi uma obsessão para Fidel Castro. Quando depois de Gorbachev a **família** perdeu o apoio russo totalmente, Castro, para contemporizar com aquilo do respeito aos direitos humanos permitiu a existência de certos dissidentes, sempre e quando eles se abstiveram de usar sua ferramenta de controle favorita: as multidões. Todo aquele que tentou reunir pessoas e manifestar-se publicamente foi de imediato encarcerado, pois todo bom manipulador sabe que seu principal inimigo é aquele capaz de opor sua influência mediante um novo e mais vigoroso estímulo sobre as pessoas. O capo de nossa **cosa nostra** pertence, sem dúvida alguma, ao seletto grupo de homens capazes de vencer com seu verbo inflamado qualquer resistência, salvo a de um pequeno grupo de "surdos" impossíveis de convencer e aos quais então precisou vencer usando outros métodos mais persuasivos. O argumento da força foi sem dúvida o mais convincente de seus argumentos.

A **família** brindou aos intelectuais cubanos um tratamento "especial". Os intelectuais sempre foram um osso mais duro de roer para os grandes manipuladores. O chinês Mao, viu-se obrigado a fazer uma "revolução cultural" para controlar os intelectuais no último período de sua vida. Mao correu às multidões para lançar lodo sobre os pensadores e no Camboja, Pol Pot, menos dotado, optou por exterminá-los. Todavia, como a experiência nazi demonstrou, e os russos levaram à excelência, há intelectuais e intelectuais, e se sabe-se escolher convenientemente, sempre aparecerá o pensador que ponha seu talento aos pés do mecenas que se disponha a mantê-lo.

Tudo tem um custo e não há nada melhor em que empregar o dinheiro do que pagar por um bom elogio. Posto que aos intelectuais o prazer está nos livros e nos leitores, nossa **cosa nostra** lhes deu livros e leitores. Os cubanos foram massivamente alfabetizados para que pudessem ler os livros que foram padronizadamente editados pelas editoras da **família**. Todo aquele que produziu elogios à **família** recebeu a mais ampla difusão e quem não soube, ou não pode fazê-lo, foi relegado ao esquecimento. A coisa foi mais fácil, graças à aliança da **família** com os comunistas porque os russos levavam anos embelezando o que faziam.

A maioria dos artistas e pensadores não são como José Martí, que escreveu seus lindos poemas com o lápis e depois quis torná-los realidade com a espada. Os Martí são poucos e morrem jovens, e a maioria dos pensadores nem sabe manejar a espada, nem querem morrer logo. Por isso, não é necessário encurtar-lhes a vida como estupidamente fez Pol Pot. Em Cuba, o capo de nossa **cosa nostra** aplicou a receita russa com muito bons resultados. Os cubanos dentro de Cuba sentiram-se orgulhosos de contar com o grande escritor cubano Alejo Carpentier, o grande poeta Nicolás Guillén, a grande

bailarina Alicia Alonso, etc., etc. Inclusive a Cuba de Castro produziu cantores como Silvio Rodríguez e Pablito Milanés, que gozaram de muita popularidade em toda a América Latina por cantar contra as ditaduras... estrangeiras! O manto do silêncio e do esquecimento caiu implacavelmente sobre aqueles que não souberam lambe a mão que lhes oferecia fama e reconhecimento, e só os que pagaram o preço do exílio puderam obter no estrangeiro, após muito esforço e sacrifício, o que a **família** lhes brindou generosamente em seu próprio país.

www.havanamafia.com



A patifaria cubana

A picardia crioula nunca esteve melhor representada do que na pessoa de Fidel Castro. A arte de fazer errar ao contrário, é uma das habilidades em que o capo de nossa **cosa nostra** alcançou a excelência. Não se trata do eterno dilema de mentir, ou ser honrado e dizer a verdade a qualquer preço, que é como muitos intelectualóides tratam de focar o problema; a picardia é a arte de dizer com graça e fazer com efetividade o que há de fazer-se ou dizer-se para alcançar um determinado fim.

Picardia foi rebaixar-se a si mesmo com o salário como Primeiro Ministro em um de seus primeiros atos de governo e poucos anos depois, não necessitar mais de um salário porque a **família** era a dona absoluta de tudo. Picardia foi prometer eleições imediatas ao tomar o poder, quando ainda não tinha o poder consolidado e nunca fazer as prometidas eleições.

Uma genialidade foi haver chegado ao poder dizendo a verdade, que não era comunista, para poder chegar ao poder, e em seguida, ao aliar-se aos comunistas, para consolidar seu poder, dizer que sempre foi comunista e conseguir que todo mundo cresse nas duas vezes, e tirar vantagem do que as pessoas criam em ambos os casos.

Uma deliciosa esquisitice foi haver dito publicamente "eu sou a revolução", em um de seus discursos durante a crise dos anos noventa e se aproveitar, vendo como as pessoas que passaram toda uma vida crendo estar fazendo uma Revolução com letra maiúscula, não reconheciam a verdade que lhes estava dizendo.

Em 1970 muita gente estava descontente em Cuba. Havia tido que repetir um milhão de vezes "os dez milhões vão", durante todo o ano e o que é pior, milhões de cubanos haviam sido mobilizados para cortar cana na chamada "Safrá dos Dez Milhões", para tratar de acalmar os russos que estavam reclamando o açúcar que se lhes devia. Toda a força do monopólio propagandístico da nossa **cosa nostra** se havia entornado ao vaticinar que os dez milhões iam. Os cétricos foram parar na cadeia por não crer na matraqueação oficial porém, finalmente, a maior safrá açucareira de todos os tempos terminou e os dez milhões de toneladas de açúcar não foram alcançados. Então, Fidel Castro preparou o cenário para poder dar às pessoas a notícia de que, apesar de tudo, seus detratores haviam tido razão e os dez milhões não iam: um multitudinário, combativo e "patriótico" ato para receber alguns prováveis pescadores seqüestrados foi esmeradamente preparado. Com seu estilo característico, lento, envolvente, inexorável, Castro manipulou a multidão reunida e já bem avançado em seu discurso,

quando a multidão excitada dava gritos de "Cuba sim, yankees não", o orador inspirado, como quem não quer nada, mudou sutilmente para outro tema, e deslizou a notícia de que os dez milhões não iam. Isso é habilidade. Isso é saber manipular as pessoas.

Em 1994, no pior da crise econômica que seguiu à liquidação do negócio da guerra por falta do pagamento russo, uma nova onda de balseiros se desatou em Cuba. O presidente Clinton, conhecedor do que se passou com Carter, preferiu pôr um ponto final ao problema assinando um acordo migratório com o governo cubano. Desde então, vinte mil cubanos ganhavam a loteria de vistos e emigravam legalmente ao país "dos maus" a cada ano. Em 2000, quase a metade dos cubanos dentro de Cuba recebiam algum tipo de ajuda de seus familiares no exílio e, apesar dessa realidade, Castro protagonizou nesse ano a sua mais famosa campanha de relações públicas. Recorrendo absolutamente a todos os seus recursos, a **família** pôs as pessoas em Cuba a protestar publicamente pelas facilidades que os gringos davam aos cubanos para emigrar aos Estados Unidos. As mesmas pessoas que participavam nas marchas multitudinárias gritando palavras de ordem escolhidas por Castro, ou pedindo o regresso do menino Elián, eram as pessoas que jogavam a sorte na loteria de vistos com a esperança de dar a seus filhos o que Elián poderia ter tido, se tivesse permanecido em Miami com seu tio.

As qualidades dramatúrgicas do capo de nossa **cosa nostra** brilharam uma vez mais, durante a odisséia do menino Elián. Castro conseguiu o que parecia impossível após quarenta anos de ditadura. Fazendo uso de seus recursos milionários, aproveitando a fome noticiosa que caracteriza a imprensa livre, mandando avós em aviões particulares ao país dos gringos, pagando advogados superstars, manipulando como nunca antes as pessoas dentro de Cuba, enfim, criando notícias e dançando em casa de pião, Castro conseguiu cativar os gringos com sua história. E enquanto Castro se deliciava manipulando a imprensa gringa, a **família** usava toda a força de seu controle monopolístico sobre os meios de difusão massiva dentro de Cuba e inventava as chamadas "mesas redondas" onde, sob a observação silenciosa de Castro, dezenas de jornalistas e intelectuais se esmeravam em encontrar uma nova forma de apresentar os argumentos idealizados antes por Castro.

O melhor da patifaria ibero-americana é haver incluído uma fitinha no peso cubano de papel, que a **família** editava, que dizia: "Este bilhete tem força legal ilimitada em todo o território nacional" e ter omitido a adição de "menos nos shoppings". Ainda melhor era a fitinha gravada no outro lado do peso cubano: "Intercambiável por seu valor em ouro".

Durante a era de Castro as pessoas em Cuba se sentiam muito orgulhosas de ver como os atletas cubanos, todos profissionais, mal pagos, é verdade, porém bem profissionais, conquistavam vitória após vitória sobre as equipes amadoras de outros países.

Desditosamente, os magnatas que controlam o beisebol das Grandes Ligas nos Estados Unidos nunca permitiram à **cosa nostra** cubana entrar no negócio, com o qual os gringos não puderam desfrutar o prazer de ver em ação a equipe de "peloteros" cubanos, a única equipe profissional de beisebol que jogou durante anos nos Jogos Olímpicos e, sem dúvida, a mais "econômica" de todas as equipes do beisebol profissional de alto nível.

Fidel Castro foi um artista da patifaria. Ele foi capaz não só de fazer errar ao contrário, como também ao partidário. O capo de nossa **cosa nostra** ganhou fama mundial de líder nacionalista e independentista. De tanto ouvi-lo falar mal dos imperialistas yankees, todos o acreditaram anti-imperialista e independentista. Porém, a picardia é a arte de dizer com graça e fazer efetivamente o que há de ser feito ou dito para alcançar um determinado fim, e para um velhaco a palavra é uma arma, não uma confissão. Enquanto declarava querer evitar uma invasão yankee em Cuba, Fidel Castro permitiu a entrada em Cuba, furtiva, bem escondida das pessoas, de mais tropas russas que gringas, que nunca estiveram em nosso país. Enquanto apregoava a independência de Cuba dos gringos, Cuba foi uma dependência dos russos. Enquanto se convertia em um dos mais esbravejantes membros do Grupo dos Não-Alinhados, Cuba estava perfeitamente alinhada ao lado do império russo e mantinha tropas russas no território nacional.

O capo de nossa **cosa nostra** usava de maneira sábia a arma de sua voz. Dizia o que queria que fosse ouvido e repetido, calava o que convinha calar e não era escravo de suas palavras, senão, seu amo. Nos anos 80 viajou à maioria dos países do Leste Europeu e à Rússia e regressou falando maravilhas do que o socialismo conseguiu nesses países; essas maravilhas transformaram-se radicalmente quando, depois das revoluções aveludadas nesses países, Castro incluiu em seus discursos uma vívida descrição da má qualidade dos produtos que esses países forneceram à Cuba durante anos.

Em 1975 os chineses foram vilipendiados pela língua ferina de Castro. Era a época em que os russos pagavam bem à **família** pelo envio de tropas cubanas a Angola. Os chineses estavam em luta com os russos e apoiavam um grupo guerrilheiro rival em Angola. As então novas experiências de mercado na China, introduzidas pelo sucessor de Mao, Deng Xiao Ping, foram duramente criticadas pela imprensa da **família** que também deu amplo apoio aos vietnamitas durante a guerra fronteiriça contra os chineses. Em 1989, a suave

língua de Castro defendeu Deng Xiao Ping por haver ordenado o massacre de Tianamen, onde os estudantes chineses que pediam reformas democráticas foram esmagados pelos tanques do exército chinês. Eram os anos da perestroika de Gorbachov; os russos já não pagavam e os chineses não foram mais os invasores dos vietnamitas, nem os que pagavam mercenários em Angola, nem os que paqueravam com o imperialismo com suas reformas econômicas liberais, embora continuassem, isso sim, governados pela mesma pessoa.

O capo de nossa **cosa nostra** era um mestre no uso da linguagem. Chamou "período especial em tempos de paz" à profunda crise econômica em que Cuba caiu, após a queda do império russo. Nunca a palavra crise foi usada dentro de Cuba para qualificar o que se passava no país. Chamou de vermes a seus opositores e conseguiu até mesmo que os vilipendiados se sentissem citados pelo termo depreciativo. Chamou de bandos aos grupos guerrilheiros que no Escambray se lhe opuseram com as armas. Chamou de terroristas aos que recorreram às mesmas táticas para lutar contra ele, que as que usaram os "combatentes da clandestinidade" do Movimento 26 de Julho para combater Batista.

Segundo ele, as centenas de presos políticos que mantinha nos cárceres eram presos, porém não-políticos. Após 40 anos no poder continuava fazendo-se chamar de revolucionário, quando era a **família** a única interessada em que não ocorressem mudanças em Cuba. Os autênticos revolucionários dos anos noventa em Cuba, os que queriam mudanças democráticas em Cuba, foram chamados "grupúsculos contra-revolucionários" e com tanto êxito, que muitos dos opositores paíficos cubanos se sentiam insultados quando alguém lhes dizia que no século XXI eles eram os autênticos revolucionários cubanos.

Na Cuba de Castro a doutrinação massiva foi chamada educação; ao que era obrigatório se chamava voluntário; a ditadura contra o proletariado foi chamada ditadura do proletariado; a desinformação sistemática foi chamada de informação; a fraude acadêmica generalizada foi utilizada para mostrar ao mundo a excelência do sistema educacional cubano; a propriedade da **família** foi chamada propriedade de todos e as pessoas chamavam "o que me toca" ao que compravam nas lojas da **família**. O cidadão comum foi obrigado a roubar diariamente para sobreviver, e o povo para evitar o escárnio chamou de "conseguir", ao roubo que o corruptor o obrigava a fazer. Pela mesma razão, a prostituição foi renomeada pelo povo com o menos ofensivo nome de "jineterismo", e o servilismo foi considerado uma virtude. A confusão criada foi tal, que nem dentro nem fora do país foram muitos os que souberam na vida de Castro que, o que realmente se passava em Cuba, é o que naturalmente

deve se passar em todo país onde o crime organizado toma o poder total de Estado.



Epílogo

Fidel Castro foi, sem dúvida alguma, um grande... filho da puta. Em um mesmo homem juntaram-se, por sua vez, uma falta absoluta de escrúpulos, uma habilidade incrível para a intriga e uma excepcional capacidade para manipular as pessoas. Sendo essencialmente um mafioso, soube criar uma lenda que lhe serviu de escudo.

O caso Castro merece atenção, posto que não é único. As tiranias têm sido um mal endêmico na América Latina e em particular em Cuba. No primeiro século de existência como república independente, o povo cubano foi pisoteado pelas botas de três militares. Em seguida a um começo incerto, matizado por duas intervenções militares dos Estados Unidos, provocadas por lutas intestinas entre os outrora líderes mambises, em finais da década de vinte, o general mambí, Gerardo Machado, após ser eleito pelas urnas, abusou da democracia e mudou as regras do jogo para garantir sua re-eleição.

Gerardo Machado caiu, produto do impulso de forças novas distantes dos líderes históricos da guerra da independência contra a Espanha. Fulgencio Batista, um jovem sargento, foi o líder militar da revolução de 33 que derrubou Machado, conseguiu a eliminação da ingerencista Emenda Platt que dava aos Estados Unidos direitos para intervir nos assuntos cubanos, e deu ao povo cubano a Constituição de 40, sem dúvida, a constituição mais progressista que jamais havia tido a República de Cuba. O domínio do exército converteu Batista no homem forte de Cuba durante os vinte anos seguintes. Durante esses vinte anos Batista percorreu a trajetória típica de um caudilho latino-americano: começou sendo um líder revolucionário procedente de um setor humilde da população, converteu-se em general de exército da nação após ser seu chefe indiscutível, foi eleito presidente pelo povo e com o apoio das novas forças revolucionárias que acabaram com a tirania de Machado, incluindo entre eles os comunistas cubanos; após ter cumprido seu mandato deixou de ser presidente, porém não renunciou a continuar sendo o homem forte de Cuba e acabou dando um golpe de estado para voltar a ser *O Presidente* em princípios dos anos cinqüenta.

Esse foi o começo de um ciclo ainda mais longo de caudilhismo e tirania na história de Cuba. Outro jovem ambicioso, Fidel Castro, lançou-se ao atacar um quartel. Em 1959, Batista fugiu com sua fortuna roubada dos fundos públicos, comprou para si uma ilha para garantir sua segurança pessoal e morreu de velho, rodeado de guarda-costas. Fidel Castro, o líder militar da revolução de 59, que gozou de amplo apoio popular devido a suas promessas de

reinstaurar a democracia em Cuba, pouco depois de chegar ao poder iniciou suas verdadeiras intenções e converteu-se no protagonista da mais longa e severa tirania que jamais tenha padecido povo latino-americano algum.

Nem todos os tiranos são iguais, porém todos têm traços comuns que foram mostrados magistralmente por vários talentosos escritores latino-americanos. O verdadeiramente maravilhoso da América Latina existe em nossa literatura e existe na vida cotidiana de nossos povos. Apesar do talento de nossos escritores, o típico tirano patriarcal latino-americano não abarca a grande variedade de tiranos que nossos povos americanos tiveram que sofrer. Nem o mais talentoso de nossos grandes escritores pode imaginar que o Peru pudesse ter sido governado durante anos por um cidadão japonês, ou que no Equador um presidente eleito pelo voto popular fosse meses depois expulso do trono, a pedradas, por dedicar-se a ir aos bairros pobres para cantar e divertir-se.

O fenômeno da "gangsterização" dos tiranos não foi ainda abordado por nossos literatos. O típico tirano patriarcal latino-americano que tem sido levado à literatura está motivado por uma mescla de machismo, apego ao poder e um embelezado sentimento patriarcal do tirano aos seus vassallos. Porém, a realidade latino-americana de finais do século XX foi muito mais crua do que essa visão paternalista das tiranias latino-americanas. Os desaparecidos da Argentina não foram fruto do paternalismo dos militares no poder, nem foram as vítimas da Caravana da Morte fruto do paternalismo de Pinochet.

O tema do tirano gângster não foi ainda abordado pela literatura latino-americana apesar da realidade ser patética. O general Noriega, no Panamá, posava de anti-imperialista e revolucionário quando na realidade era um narco-traficante de altos vãos; a realidade cubana da segunda metade do século XX e os primeiros anos deste século, mostra o que ocorre em um país quando é governado seguindo as regras da **cosa nostra**; e a tragédia colombiana é, talvez, o exemplo mais terrível de como o crime organizado pode comprometer o futuro de todo um povo, ainda assim, sem haver alcançado o poder.

O caso Castro merece a máxima atenção posto que não é único. O fenômeno de um líder ambicioso, adúlador e sem escrúpulos, disposto a lucrar às expensas da credulidade de um povo ansioso por um salvador impossível, repete-se como um tema fatal em nossos povos da América. O fenômeno Chávez, na Venezuela, tem demasiadas similitudes com o caso cubano como para passar inadvertido.

O ponto comum em todos os tiranos é, em princípio, a busca incessante de mais poder. Para conseguir concentrar todo o poder em suas mãos, o tirano recorre a cantos de sereia e inventa um inimigo. O futuro tirano tem de convencer seus futuros vassalos de que, guiados por ele, e só por ele, podem seus futuros vassalos sobreviver aos cataclismos que estão por vir e alcançar o paraíso terrestre que todos anseiam.

As tiranias surgem nos povos enfermos. As tiranias são o câncer das democracias. Hitler chegou ao poder ajudado pela penúria econômica e a frustração do povo alemão, devido à derrota alemã na primeira guerra mundial. Castro iniciou sua carreira como um lutador contra um golpe de estado que pôs em crise as instituições democráticas existentes em Cuba. Pol Pot, no Camboja, chegou ao poder lutando contra o invasor estrangeiro.

Depois que a tirania se tenha afeiçoado no poder, é muito difícil às pessoas rejeitarem desde cima, aquele que foi usualmente chamado de "o salvador". É por isso que os povos tiranizados necessitam da ajuda dos povos livres e os povos cegados pelo tirano, em princípio, necessitam da voz amiga que lhes faça ver o embuste a que foram sujeitados.

O povo alemão, fascinado por Hitler e o nacional-socialismo, e apanhado na guerra, só pode livrar-se da maldade do caudilho pela derrota total do fascismo na Europa, que pôs um ponto final na segunda guerra mundial. O povo cambojano, tendo voltado à barbárie pela selvageria de Pol Pot e dos kmer vermelhos, só pode sair do pesadelo que vivia depois da invasão vietnamita ao Camboja. Os espanhóis tiveram que esperar pela morte de Franco para retornar à democracia.

Um povo sadio não necessita de um salvador. Um país com uma economia sólida e instituições democráticas saudáveis não busca desesperadamente a um tirano para que arrume o que só pode ser consertado pela batalha equilibrada de múltiplos interesses, característica de toda democracia. Nenhum amante da liberdade pede a um tirano que faça o que ele sabe que é sua indeclinável obrigação de cidadão livre.

As tiranias existem porque a liberdade implica uma maior responsabilidade que o servilismo: cada ser humano há de conquistar e exercer a cada dia sua liberdade, ou há de resignar-se a ser avassalado por aquele a quem delegou o exercício de seus poderes. A democracia é, por excelência, uma forma de governo que facilita aos cidadãos o exercício de suas liberdades. O totalitarismo é seu oposto: é uma forma de governo onde proliferam os vassalos.

O que houve em comum entre a Alemanha de Hitler e a Rússia de Stalin foi o totalitarismo, foi a negação da democracia. Talvez a coisa mais importante do século XX tenha sido a batalha ideológica entre os admiradores do totalitarismo e os crentes na força das democracias. Lênin e os bolcheviques na Rússia, Mussolini e os fascistas na Itália, Hitler e os nacional-socialistas na Alemanha, puseram em moda o totalitarismo na Europa. Eles e os ideólogos que os cercaram embelezaram a doutrina totalitarista. Cada um à sua maneira, conseguiu milhões de seguidores.

Por sorte, a prática social, o critério máximo da verdade segundo Karl Marx, o profeta dos comunistas, extraiu à luz o rosto feio da doutrina trabalhista, à qual recebeu um golpe terrível com a queda do império russo em finais do século passado.

À sombra do império russo e de sua então bela doutrina totalitarista surgiram pequenos déspotas que dissimularam seu entreguismo ao império e suas ânsias de poder, sob as bandeiras do que a doutrina totalitarista do império russo chamou de "internacionalismo proletário" e de "ditadura do proletariado". Em particular, em Cuba, um grupo de pistoleiros instaurou uma típica tirania latino-americana a mais.

O renovado impulso das idéias democráticas em finais do século passado, após a queda do império russo e a conseqüente bancarrota de sua doutrina totalitarista, pôs em apuros as tiranias que floresceram à sombra do império. Em Cuba, o caráter mafioso do grupo no poder fez-se evidente quando a máfia cubana, temerosa de que o descrédito ideológico a levasse a perder seus privilégios, modificou seu discurso. Fidel Castro deixou de chamar "ditadura do proletariado" à sua tirania e fez até o impossível, sem êxito, para tratar de convencer o mundo de que sua tirania era compatível com uma das pedras angulares de toda moderna democracia: o respeito aos direitos humanos e civis de todos os cidadãos.

A tarefa que enfrenta o aprendiz de tirano, Hugo Chávez, é muitíssimo mais difícil do que a que enfrentou em 1959, seu declarado amigo Fidel Castro. Fidel Castro teve a sorte de chegar ao poder em uma época em que as doutrinas totalitaristas de Mao e Stalin estavam na moda, o que lhe permitiu disfarçar seus esforços pessoais para conseguir o controle total do poder, como uma luta para instaurar em Cuba uma "ditadura do proletariado". À falta de uma doutrina formosa que justifique uma tirania, Hugo Chávez tem feito todo o possível para embelezar todo e qualquer totalitarismo que há no mundo, desde a tirania gângster de Fidel Castro em Cuba, passando pela cruel tirania de Saddam Hussein no Iraque, até o "totalitarismo de mercado" que existe na China. Só que talvez o tenha feito inoportunamente, antes de ter o poder absoluto em suas

mãos, erro que não cometeu seu admirado Fidel Castro, o qual só falou de "ditadura do proletariado" depois que sua máfia tinha o controle absoluto do país.

Tenho fé em que o povo venezuelano e as instituições venezuelanas encontrarão o modo de reformar seu país, sem ter que recorrer aos maus serviços de um tirano latino-americano a mais. Tenho fé em que Chávez não terá êxito com a sua e em que a abertura informativa que seguirá inexoravelmente ao desaparecimento definitivo da máfia no poder em Cuba, ajudará o povo venezuelano e à toda a América Latina a tomar consciência do que realmente ocorreu em Cuba durante mais de quarenta anos.

Tenho fé em nossos povos da América. As tiranias são o câncer das democracias produzido pela pobreza. A pobreza é a causa fundamental do câncer que tem corroído durante muito tempo as democracias latino-americanas. A pobreza produz desespero e os desesperados clamam por um salvador impossível. Não necessitamos de salvadores. Necessitamos, isto sim, de homens decididos a facilitar que cada americano esteja em condições de lutar para sair da pobreza.

Necessitamos de homens decididos a servir, não decididos a serem servidos. Necessitamos de instituições democráticas que garantam que os bons, dedicados a servir a seus povos, os sirvam e retirem-se quando tenham cumprido seu mandato, para dar oportunidade a outros bons a servir por sua vez. Necessitamos de instituições democráticas que garantam que os velhacos não possam elevar-se por toda a vida sobre o povo que fingem servir. Necessitamos de instituições democráticas que protejam ao que não teve fortuna e ao que a tem, e que ajudem a distribuir a riqueza entre todos sem que, para isto, tenha que matar a galinha dos ovos de ouro que produz a riqueza. Para distribuir a riqueza, primeiro há que tê-la.

As tiranias são boas... para os tiranos. Os totalitarismos são bons... para quantos patifes e delinqüentes andam por aí. Os tiranos são como a loteria: prometem uma saída fácil para um problema difícil e só um entre milhões realmente satisfaz suas expectativas. Não há saída fácil para nossos problemas e, em todo caso, a saída nunca é uma tirania. Os povos deveriam dar um prazo inviolável a todo aquele que diz que quer ajudar e assegurar-se de estar em condições de obrigá-lo a cumprir com o prazo dado e com as promessas feitas. Os povos não deveriam permitir nunca, nunca mesmo, que quem diz querer ajudá-los, os "ajude" além desse prazo fixo, nem deveriam pôr em suas mãos poderes maiores do que os povos têm para obrigá-los a cumprir com o prometido. Se alguém quer ajudar além do prazo máximo estabelecido, que deixe que

outros ajudem e que se ponha a trabalhar junto com todos os demais para ajudar a que outro possa dar sua contribuição ao bem comum.

O socialismo totalitário, esse que a doutrina totalitária do império russo chamou eufemisticamente de "ditadura do proletariado", esse que produziu a monarquia existente na Coreia do Norte, esse que produziu o genocida Pol Pot no Camboja, esse que pôs uma máfia no poder em Cuba, provou ser tão fatídico quanto o "nacional-socialismo" dos fascistas alemães. Seu defeito principal é a consagração da ditadura como forma de governo. Todas as ditaduras são más, significam o monopólio do poder por uns poucos e à larga sempre acabam produzindo mais penas que benefícios aos povos que delas padecem, chame-se o ditador Augusto Pinochet, Nicolai Ciaucesco, Anastasio Somosa ou Fidel Castro.

Em Cuba, particularmente, país caribenho e rico em mestiçagens e misturas, a máfia local erigiu seu império à sombra do império russo e deu lugar a um novo tipo de tirano latino-americano: o tirano gângster, o déspota mafioso.

Os cubanos dizemos: se Castro foi tão bom como dizia ser, por que após mais de quarenta anos ininterruptos de ditadura castrista o povo cubano está mais pobre do que antes? Castro tem demonstrado ser muito bom... para si mesmo.

Os cubanos dizemos: se Castro foi tão bom como dizia ser e a miséria em que vive o povo cubano deve-se a que os Estados Unidos não querem comercializar com Cuba, como sempre disse Castro, então por que Castro não fez nunca ao povo cubano o favor de retirar-se e permitir assim que as relações econômicas entre Cuba e os Estados Unidos fossem retomadas?

Os cubanos dizemos, que estranho!, segundo Castro os que se opuseram foram pessoas más e todos os que o apoiaram eram como anjinhos, e que estranho que Castro fosse tão bom e tanta gente queria justiça-lo!; que estranho que Castro tivesse sido tão bom e sempre tivesse que estar rodeado de um numerosíssimo corpo de guarda-costas!

Os cubanos dizemos: se Castro foi tão modesto como dizia ser, se não foi tão ambicioso como os fatos demonstram, se não sentia uma atração irresistível pelo poder, por que após mais de quarenta anos ininterruptos exercendo o poder absoluto, não cedeu nunca seu posto a seus supostos seguidores?

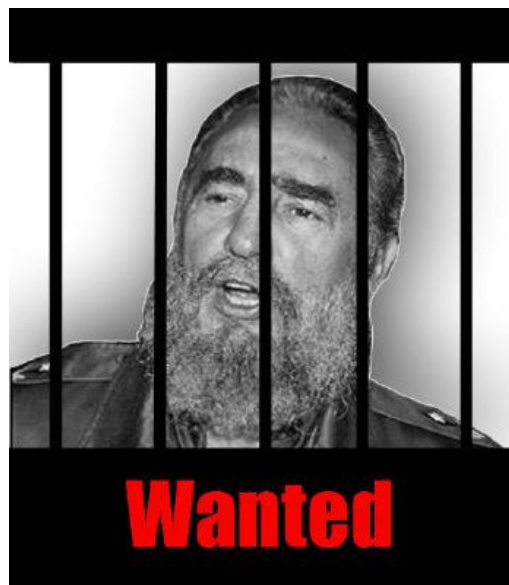
Segundo Castro, ele era um santo. Segundo muitos de seus opositores, Castro foi um tirano comunista a mais. Segundo os obstinados fatos históricos, Fidel Castro foi, realmente, um mafioso.

O que tenha ouvidos para ouvir que ouça, o que tenha olhos para ver que veja. Receba a mão amiga o cego e surdo pelos cantos de sereia. Desprezo eterno para os manipuladores sem escrúpulos que lucram com as desgraças e a credulidade de nossos povos.

O autor.



HavanaMafia.com



HavanaMafia.com